

## BOOK REVIEW

### A IMPORTÂNCIA DAS REESCRITAS DA HISTÓRIA E DA REVISÃO DAS TRADUÇÕES

Isabel Araújo Branco\*

CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH – UAc)

**La traducción y la(s) historia(s): nuevas vías para la investigación**, María Carmen África Vidal Claramonte, Granada, Editorial Comares, 2018, 160 pp, 14,25€, ISBN 978-84-9045-658-3.

María Carmen África Vidal Claramonte – incontornável especialista na área da tradução da Universidad de Salamanca (Espanha) – lançou recentemente um novo livro, *La traducción y la(s) historia(s)*, pela granadina Editorial Comares. Esta obra, dividida em sete capítulos, aborda a historiografia, a história da tradução e a tradução de textos historiográficos desde um importante ponto de partida: existe uma posição política e uma perspectiva ideológica por trás de qualquer discurso (da linguagem banal da conversa informal aos textos escritos por historiadores) e, portanto, uma inevitável parcialidade da visão que propõe. Parcial, porque frequentemente se toma partido por uma das partes envolvidas; mas parcial também na medida em que não é possível abarcar o todo, apenas uma ou várias partes.

Assim, em causa está acima de tudo a forma de “escrever” a História e, conseqüentemente, de traduzir essa escrita para outras línguas, numa interessante e pertinente análise sociológica, política, cultural, linguística e pragmática, que se afasta do estudo textual de tradutologia *tout court*. Vidal Claramonte utiliza conceitos teóricos muito variados para fundamentar a sua argumentação, como a “oralitura” ou a visão rizomática, e recorre a inúmeros autores e citações, de linguistas a historiadores, como Baudrillard, Bachmann-Medick, Bassnett, Gentzler, Bhabha, Foucault, Johnston, Tymoczko, Bielsa, Bourdieu, Benjamin, de Certeau, Eco, Barthes, Lledó, Derrida, Said, Wittgenstein, Bakhtin, Hall, Vattimo, Cixous, Spivak, Irigaray, Godayol, Bacardí, Grosz, Cronin, Long, Cheung, Fanon, Farahzad, Flotow e Delanty, entre outros. A ligação à literatura também é forte (em especial a títulos de Eduardo Galeano e Mario Benedetti), não apenas como ilustração de ideias, mas também como base de reflexão.

A autora assume uma concepção ampla de “tradução” como interpretação de tudo o que possa acontecer no mundo (uma ideia, uma acção etc.) e a transmissão de concepções através de palavras. Assim, a História é uma tradução intralinguística da realidade, ou melhor, das realidades. Trata-se de construções que dependem do ponto de vista e das palavras utilizadas, isto é, são traduções do real. Deste ponto de vista, a historiografia e a sua tradução interlinguística são ambas traduções: “escribir la historia es reescribir realidades, y en ese proceso el historiador se torna traductor intralingüístico.

---

\* ibranco@fcsch.unl.pt

Después, el traductor interlingüístico llevará a cabo su tarea reescribiendo de nuevo esas historias” (p. 13). Historiador e tradutor têm, portanto, também um papel ético na sociedade.

Para Vidal Claramonte, a História deve ser continuamente reescrita integrando cada vez mais pontos de vista, numa construção permanente e o mais plural possível, incorporando os agentes silenciados nas várias versões anteriores, em particular as classes baixas, as mulheres, as minorias e os perdedores dos conflitos políticos e bélicos, entre outros. O poder político e económico implica também o poder de contar e o poder de registar uma versão do passado (assumida como sendo a única e “verdadeira”), de forma a cimentar a estrutura social que lhe é mais conveniente, delineando simultaneamente um porvir de acordo com os seus interesses específicos. Daí a historiografia ter sido tendencialmente universalista, normativa, eurocêntrica, colonialista, machista e elitista. Tal implicou, sem dúvida, silenciar as vozes dissidentes e múltiplas, o que tem vindo a ser contrariado por várias teorias, como o marxismo, a Escola dos Anais, o feminismo, a Escola de Frankfurt, o pós-estruturalismo, a nova historiografia crítica, o neopragmatismo, o “novo jornalismo”, a “crónica” latino-americana, a *translation turn* de Bachmann-Medick, a *outward turn* de Bassnett ou a “pós-tradução”.

Como lemos em *La traducción y la(s) historia(s)*, deste pensamento “nace un historiador y un traductor que dicen no a los unívocos, que desean enfrentarse a su propias identidades entendiéndolas como paradójicas, plurales, abiertas, y que no atienden a las distancias como categorías reducidas de antemano al sentido común, a lo reconocible” (p. 6). Porque “ambas disciplinas son formas de acceder a versiones de realidades provisionales, coyunturales, frágiles e ambiguas, interesantes e interesadas, que se van contextualizando, rectificando y traduciendo continuamente con los trayectos hermenéuticos y éticos de las personas” (p. 12).

Por trás da reflexão sobre a historiografia e a tradução, devem estar várias perguntas, como quem escreveu o texto, porque foi encarregue de o fazer e por quem, quais os critérios para escolher um determinado texto a ser traduzido e não outros, quem toma a decisão, o que é um “facto histórico” e porque são escolhidas certas palavras para o descrever. Nesse sentido, “la historia estará tanto más completa cuantas más voces se hayan incorporado a su construcción, igual que las traducciones se deben revisar porque envejecen”, porque “las sociedades y los contextos evolucionan y porque tal vez el traductor, en una primera interpretación, no haya visto todas las voces detrás de cada texto, historias ocultas que pueden no ser textuales” (pp. 70-71).

No quinto capítulo da obra, Vidal Claramonte analisa dois casos concretos: as traduções intralinguísticas e interlinguísticas da conquista da América e a reescrita da ditadura franquista em Espanha. Estes dois exemplos demonstram mais uma vez como a História é uma narração contada por determinados agentes em função das suas mentalidades, crenças, ideologias, interesses e objetivos específicos.

A proposta de Vidal Claramonte é clara: a historiografia e a tradução devem servir para reconhecer a diversidade, para ampliar horizontes, para fazer ouvir o maior número

possível de vozes, para cruzar diferentes formas de ver e de viver o mundo, para dar espaço a identidades múltiplas e fragmentadas, numa visão dinâmica do universo, de forma a fazer surgir cada vez mais visões plurais. Porque “es el contacto con la diferencia lo que permite el enriquecimiento del ser humano. Por eso la traducción puede convertirse en un medio para llegar a la diversidad” (p. 118).

**Sobre a autora:** Isabel Araújo Branco é Professora Auxiliar na NOVA/FCSH. É doutorada em Estudos Literários Comparados com a tese “A recepção das literaturas hispano-americanas na literatura portuguesa contemporânea: edição, tradução e criação literária”, com que recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartin Graça. Coordena o Grupo “Cultura, História e Pensamento Ibéricos e Ibero-Americanos” do CHAM-Centro de Humanidades.